



A agricultura urbana e suas funcionalidades em Montes Claros, MG: propostas de extensão universitária multidisciplinar

Urban agriculture and its functionalities in Montes Claros, MG: Multidisciplinary university extension proposals

Cristh Ellen Ferreira Pinheiro,
Mestre em Sociedade, Ambiente e Território
Professora do curso de graduação em Administração das Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros (FIPMOC)
crissthfp@yahoo.com.br

Helder dos Anjos Augusto
Doutor em Demografia tualmente, é Professor do ICA- UFMG
matacuane@gmail.com

Cledinaldo Aparecido Dias,
Doutorado em andamento em Administração Professor do ICA- UFMG
cledinaldodias@yahoo.com.br

Fábio da Silva Gonçalves,
MestrE em Sociedade, Ambiente e Território pela Universidade Federal de Minas Gerais
fabbyogeo@hotmail.com

Marcelo Oliveira Junior
marcelooli333@gmail.com

RESUMO

Este estudo buscou conhecer a realidade dos agricultores urbanos que comercializam sua produção de hortaliças e, a partir dessa investigação, propor ações de extensão e pesquisa a serem realizadas por uma instituição federal de ensino superior de Montes Claros. Especificamente, objetivou identificar em quais regiões da cidade há produção agrícola para comercialização; as principais funções da agricultura urbana na visão do agricultor; e quais as dificuldades enfrentadas por esses produtores. A análise permitiu propor ações de extensão e pesquisa, as quais têm como principal característica a multidisciplinaridade, devido, diante das demandas identificadas em campo, haver a necessidade de atuação de mais de uma /curso, o que demonstra que a AU, além de suas funcionalidades já discutidas em pesquisas, também pode contribuir para o aprendizado acadêmico devido a integração de conhecimentos de várias áreas de atuação.

Palavras-chave: Desenvolvimento Local; Universidade; Produção Agrícola Urbana.

ABSTRACT

This study was developed to understand the business urban farmers and, based on that, propose extension and research actions to be carried out by a federal institution of higher education in Montes Claros. Specifically, it aimed to identify in which areas of the city there is agricultural production for commercialization; the main functions of urban agriculture in the view of the farmer and what difficulties these producers face. The analysis presented allowed proposition of extension and research actions, which have multidisciplinary as main characteristic. Due to the demands identified in the field, there is a need for actions in more than one area / course, which shows that AU, can also contribute to academic learning.

Keywords: Local Development; University; Urban Agricultural Production.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Em meio às discussões em relação às temáticas Urbanização, Desenvolvimento, Meio Ambiente, Saúde e Cultura, a prática da Agricultura Urbana (AU) se destaca devido a suas funcionalidades permearem esses temas de forma contributiva. Não obstante, essa contribuição passa por toda a sua cadeia produtiva, de maneira que do lote do produtor à mesa do consumidor percebe-se sua importância.

Quanto ao conceito, a AU apresenta diversas definições voltadas ao tempo de dedicação à produção, às especificidades produtivas e ao tamanho e local do espaço utilizado.

Conforme assinala Boukharaeva et al. (2005), o relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) aponta que a produção familiar em tempo parcial corresponde à definição da AU que ocorre no Brasil. “É uma microagricultura intensiva, cujos produtos são destinados à demanda local, na qual predominam os ciclos curtos e os pequenos circuitos de produção” (BOUKHARAEVA et al., 2005, p.416-417).

De acordo com a Lei 15.973 de 12/01/2006, que dispõe sobre a Política Estadual de Apoio à Agricultura Urbana em Minas Gerais, entende-se como Agricultura Urbana “o conjunto de atividades de cultivo de hortaliças, plantas medicinais, espécies frutíferas e flores, bem como a criação de animais de pequeno porte, piscicultura e a produção artesanal de alimentos e bebidas para o consumo humano”.

As definições mais utilizadas da AU, para Mougeout (2005), baseiam-se em determinantes como as atividades econômicas, considerando as fases produtivas (produção, processamento e comercialização) e a inter-relação dessas no tempo; a localização, sendo o elemento mais considerado nas definições, onde consideram a agricultura urbana e a periurbana; os tipos de áreas, englobando a propriedade, o desenvolvimento da área (construída ou baldia), a modalidade do uso ou da posse e relaciona também a categoria oficial do uso do solo; o sistema e a escala de produção, sendo que, para o autor, todos os sistemas são aceitos; os tipos de produtos, em que o autor enfatiza a produção de alimentos; e a destinação dos produtos, sendo observado que a produção proveniente da AU destina-se tanto para o consumo quanto para a comercialização.

Mougeout (2005) ainda salienta a necessidade de se considerar a interação da AU com o ecossistema urbano, considerando que a definição de agricultura urbana não está ligada apenas à sua localização e sim à sua conexão com o organismo urbano. Assim, o autor assegura que “a agricultura urbana interage com diversas facetas do desenvolvimento urbano, também é fato que ela pode nos ajudar a diversificar e fortalecer nossas estratégias de gerenciamento urbano” (MOUGEOUT, 2005, p. 7).

Boukharaeva et al. (2005), Brito (2011) e outros pesquisadores da temática contemplam a migração rural-urbano como um dos motivos do

desenvolvimento de práticas de agricultura urbana e apontam aspectos importantes no que tange às contribuições da mesma para o desenvolvimento social.

Aquino e Assis (2007) consideram a AU uma estratégia frente aos gargalos enfrentados nas áreas urbanas (produção de lixo, inchaço populacional e inexistência de condições econômicas das populações pobres para a compra de alimentos). “Na prática, a agricultura urbana está desenvolvendo sua capacidade para ajudar a resolver ou enfrentar diversos desafios do desenvolvimento” (MOUGEOUT, 2005, p. 2).

Ao discutir o tema desenvolvimento, Brandão (2008) defende a importância de compreender a lógica capitalista, a qual o autor coloca como um processo padronizado pautado na expansão de base material. Na mesma linha, Ortega (2008) critica a visão positivista da relação de progresso com desenvolvimento imposta nessa lógica.

Assim, o conceito de desenvolvimento exposto por Brandão (2008) relaciona-se com o envolvimento de ações que rompem a ideia ultrapassada (desenvolvimento padronizado e por etapas) e exige ênfase em seus processos e interações entre as decisões nas várias camadas sociais, onde o processo ocorra simultaneamente nas escalas espaciais. Nesse sentido, para o autor, não é possível generalizar o processo de desenvolvimento, como defendem as vertentes capitalistas.

Em relação ao tema, Furtado (1978) trata a fragilidade da ideia de que todo e qualquer crescimento econômico conduz ao desenvolvimento, onde o autor afirma que o processo de evolução da Civilização Industrial (economicista) não pode ser confundido com desenvolvimento. Para o autor, a ideia de desenvolvimento comporta ambiguidades, e essas são ainda maiores quando consideradas no quadro da difusão da civilização industrial.

No tocante à civilização industrial, é importante discutir sobre a urbanização e as suas consequências na sociedade. As sociedades vêm passando por um conjunto de mudanças econômicas, culturais e ambientais que, de certa forma, estimulam a fazer releituras dos conceitos e novos paradigmas, no caso específico da urbanização. Essas transformações fecundadas a partir da revolução industrial trouxeram na relação simbiótica entre urbano e rural, novas formas comportamentais nas dimensões culturais, ambientais, sociais e demográficas. É nesse contexto que as territorialidades urbanas se entrelaçam progressivamente com o mundo rural.

Antes de assinalar as relações simbióticas, faz-se necessário apontar, inicialmente, que o processo de urbanização a nível mundial sempre esteve, grosso modo, atrelado aos fenômenos da revolução industrial e consubstanciado à modernização. Ou seja, sempre acompanhou os percursos da expansão das economias de mercado. Com isso, a discussão do tema urbanização exige uma busca principalmente do contexto histórico da formação da sociedade urbana, como exposto nos estudos de Lefebvre (1999).

A priori, é importante esclarecer que Lefebvre (1999) parte da hipótese da urbanização da sociedade para explicar a transição da mesma. Para o autor, a sociedade urbana resulta do que ele chama de urbanização completa. A discussão da Revolução Urbana, explicitada por Lefebvre (1999), conclui que a urbanização consiste em um conjunto de transformações que ocorrem na sociedade, por meio do processo de industrialização, no qual a cidade passa a ter a função de suprir a demanda de força de trabalho da indústria. Já o seu discípulo Castells (2009), aponta que urbanização corresponde a um processo típico de ocupação do espaço por uma determinada população, a partir de uma concentração intensa e, por conseguinte, uma alta densidade populacional.

Em uma outra visão sobre a urbanização, Benko (1999), aponta que o processo em si está calcado em duas perspectivas que se complementam, a saber: a transnacionalização dos espaços econômicos e a regionalização dos espaços sociais. A primeira é influenciada por agentes externos e a segunda corresponde a uma força interna que reage no sentido contrário.

Em um eixo temporal, Lefebvre (1999) explica a formação das cidades a partir do ponto zero (Aldeias), passando pela cidade política, pela cidade mercantil, pela cidade industrial, até o ponto 100 que o autor considera como a zona crítica (100% do estado de urbanização). A zona crítica, exposta pelo autor como 100% de urbanização numa visão virtual, consiste em uma realidade atual planetária para Castriota (2016).

As afirmações expostas por Castriota (2016) são contempladas a partir das teorizações clássicas do urbano e da urbanização extensiva, contemplando os estudos de Lefebvre e Monte-Mór. Nesse sentido, o autor reafirma sobre os fenômenos de implosão-explosão, bem como da participação arbitrária do capitalismo nesses processos.

Assim, para Monte-Mór (2006), a cidade passou por um processo duplo de implosão-explosão, onde sua centralidade implodiu sobre si e a periferia explodiu sobre o entorno. A explosão sobre o entorno exposta por Monte-Mór (2006), e também por Lefebvre (1999), incide na formação dos tecidos urbanos, os quais são compostos pelas manifestações de predomínio da cidade no campo.

Sobre a explosão, Castriota (2017) a relaciona com a extensão do tecido urbano e modernização estrutural, mas o autor completa a (re) leitura do fenômeno apresentando a ele também o significado de cidadania extensiva.

Em um sentido díspar a esse movimento de explosão-implosão, como exposto por Brito (2011), a agricultura urbana consiste em uma (re) produção do rural no urbano e, assim, é percebida uma extensão do rural para as camadas urbanizadas.

Contudo, os estudos voltados para essa temática são necessários para a compreensão de tais movimentos migratórios, da extensão da cultura rural (ainda desconhecida por grande parte da população) e tam-

bém das funções dessas (re) produções, como a agricultura urbana, para o modo de vida desses cidadãos rurais¹.

A contextualização aqui exposta demonstra a importância da AU para o desenvolvimento local, bem como a relação de suas funcionalidades com outras temáticas importantes, sendo elas, as questões ambientais, a geração de renda, a segurança alimentar, a saúde e a cultura, com destaque ao reconhecimento do produtor agrícola.

A escolha da cidade de Montes Claros se deu pelo fato da importância econômica da mesma, advinda da representatividade educacional, principalmente no ensino superior; industrial; comercial e de saúde, sendo esses setores responsáveis pelos intensos processos migratórios observados no histórico do município e, sobretudo, a intensa movimentação pendular².

Diante da relação entre a representatividade econômica da cidade e os processos migratórios evidenciados, a imigração de pessoas provenientes de cidades próximas é o fator mais demonstrado nas pesquisas que contemplam essa relação.

Ao contemplar o processo de urbanização do município, além das alterações observadas na estrutura da população, percebe-se também uma extensão da malha urbana advinda do crescimento horizontal do tecido urbano. Essa constatação acarreta, conforme estudos realizados no município³, problemas nos âmbitos socioeconômicos (segregação), estruturais (estruturação da cidade e aumento dos espaços vazios) e também ambientais (utilização do espaço), atrelados à valorização imobiliária.

Não obstante, os imigrantes de Montes Claros, em sua maioria, têm como origem zonas rurais de municípios próximos e/ou de municípios com características tidas como rurais, ou seja, esses imigrantes tinham como uma das atividades principais em seus locais de origem a lida no campo.

Assim, no intuito de (re)produzir a vida do campo na cidade, como expõe Brito (2011), muitos imigrantes praticam a Agricultura Urbana na cidade de Montes Claros. Não obstante, sabe-se que esta produção pode ser convertida para autoconsumo, para a comercialização e para ambos objetivos.

Diante da ocorrência de estudos voltados para o tema na cidade, observa-se uma carência de uma visão voltada para a comercialização, assim, estudos que contemplem a identificação destes produtores, a visão deles em relação às funcionalidades da AU, bem como o entendimento do

1 Denominado neste texto o "cidadão rural" aqueles que, apesar de viver no perímetro urbano, (re) produzem a cultura e o trabalho trazido da vida no campo.

2 Movimento populacional regular entre cidades de forma não definitiva. No caso de Montes Claros, esse fenômeno ocorre devido às pessoas viajarem para a cidade em busca de serviços de saúde, educação e pelo comércio.

3 Canan (2014); Brito (2011); e Pereira (2007)

processo de comercialização, são importantes para dar alicerce a eventuais atividades de extensão e outras ações de instituições de ensino superior.

Nessa perspectiva, foi realizado um diagnóstico da AU para comercialização, a fim de dar suporte para ações de extensão de uma universidade federal instalada no Norte de Minas, acredita-se que a pesquisa é uma ferramenta necessária para os trabalhos de extensão universitária.

Cabe ressaltar também que este estudo foi realizado no âmbito do Programa de Desenvolvimento Rural e Apoio à Reforma Agrária (PRODE-RA), vinculado ao Instituto de Ciências Agrárias da UFMG, especificamente como parte de uma pesquisa de mestrado de uma acadêmica da ICA/UFMG, a qual teve como resultado um projeto de apoio aos agricultores urbanos de Montes Claros, a fim de dar visibilidade a esses produtores e os auxiliar nos processos de produção e comercialização.

Assim, diante do contexto exposto, essa pesquisa objetivou conhecer a realidade dos agricultores urbanos que comercializam sua produção e, a partir dessa investigação, propor ações de extensão e pesquisa a serem realizadas por uma instituição federal de ensino superior de Montes Claros. Especificamente, a pesquisa buscou identificar em quais regiões da cidade há produção agrícola para comercialização; as principais funções da agricultura urbana na visão do agricultor; e quais as dificuldades enfrentadas por estes produtores.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o alcance dos objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa por meio de um estudo multicase, no qual as ferramentas utilizadas foram a pesquisa documental, a entrevista e as observações de campo.

Considerando o objetivo de investigar a agricultura urbana voltada para a comercialização em Montes Claros, a pesquisa apresenta um caráter descritivo, pois atenta-se em observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los, sem a interferência do pesquisador, conforme conceitua Andrade (2001).

Em relação à abordagem, compreendeu um estudo qualitativo, com o qual se pretendeu levantar informações dos agricultores urbanos pesquisados quanto ao perfil, às especificidades produtivas e à comercialização dos produtos.

Considerando que o objetivo da pesquisa delimitou a sua realização com agricultores urbanos que têm como foco a produção de hortaliças para a comercialização, a identificação dos agricultores pesquisados se deu por meio de contato junto à Secretaria Municipal de Agricultura e da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Montes Claros - MG, posteriormente junto às associações de agricultores e associações de bairros e,

em seguida, durante as entrevistas, por meio de informações dos próprios agricultores, os quais foram indicando os agricultores conhecidos, o que caracteriza a amostragem por bola de neve ou snowball.

O contato junto às secretarias municipais teve como objetivo realizar uma pesquisa documental para identificar os possíveis agricultores urbanos. No entanto, conforme informado, as mesmas não dispõem da informação. Na oportunidade, um funcionário da Secretaria Municipal de Meio Ambiente informou sobre a existência de uma associação de agricultores urbanos que, segundo o informante, teria os dados demandados para a realização da pesquisa.

Assim, foi feito o contato com o presidente da Associação Comunitária Recanto das Hortaliças, que contribuiu imensamente com a pesquisa em termos do histórico da produção urbana em Montes Claros, da participação do poder público municipal na promoção da AU e sobre as experiências existentes.

Associações de bairros também foram contatadas e, a partir das informações coletadas, foi possível identificar agricultores urbanos nas regiões Norte, Oeste e Sul da cidade.

Devido à falta de registros documentados e informações acerca do universo da pesquisa, a escolha dos entrevistados se deu pela facilidade de acesso e informações provenientes da rede de contato entre os mesmos (snowball)⁴.

Após o processo de coleta de dados documentais, foi realizada a pesquisa de campo, por meio de entrevistas com cinco (5) agricultores urbanos, sendo quatro (4) produtores de hortaliças para comercialização e um (1), o presidente da primeira associação de agricultores urbanos da cidade, sendo esse, produtor de frutas. Nesta fase buscou-se compreender a realidade vivida pelos agricultores urbanos, desde aquisição dos insumos para produção de hortaliças até ao consumidor final dos seus produtos.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas a fim de coletar elementos relacionados ao contexto da produção, no que tange ao histórico; à motivação inicial; à importância para a renda familiar; à relação com o poder público; ao tipo de organização; às potencialidades e aos gargalos. A aplicação dessa técnica de coleta de dados, conforme Marconi e Lakatos (1996, p.84), “é um procedimento bastante utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”, sendo no caso específico, na compreensão da agricultura urbana em Montes Claros – MG.

Com isso, as informações provenientes das entrevistas foram transcritas e organizadas em arquivos de computador, para facilitar a inter

4 “Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”), sendo este ponto de saturação quando os entrevistados começam a indicar as mesmas pessoas” (BALDIN e MUNHOZ, 2011, p. 332).

pretação e a discussão. Durante as entrevistas, com a autorização dos pesquisados, foram coletadas as coordenadas geográficas para identificação dos locais de produção/comercialização.

As informações acerca das localizações foram trabalhadas em Sistemas de Informação Geográfica, sendo estabelecidas da seguinte forma:

- a) Coleta das coordenadas geográficas dos locais de produção pesquisados por meio de um receptor de Sistema de Posicionamento Global (GPS);
- b) Organização das coordenadas coletadas em planilha Excel;
- c) Sistematização das informações na elaboração dos mapas por meio dos SIGs Google Earth Pro e GPS TrackMaker.

Assim, após a organização dos dados coletados e, abarcado na literatura estudada, foi elaborado um material contemplando as informações analisadas e as propostas de ações de extensão e pesquisa foram elaboradas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conhecendo os Agricultores

Os resultados dessa pesquisa apresentam uma realidade da cidade de Montes Claros desconhecida por muitos dos seus cidadãos. Há muita produção de hortaliças com foco em comercialização e muitos dos protagonistas desse cultivo são, conforme pesquisas já realizadas anteriormente a essa, imigrantes da zona rural de municípios próximos a “capital norte mineira”⁵.

Para identificar os agricultores urbanos que têm como objetivo a comercialização de sua produção, foi realizado um mapeamento dos locais de produção e a identificação do perfil dos produtores. Assim, apresenta-se o perfil de cada pesquisado.

Foram identificadas áreas de produção nos bairros Village do Lago I, Morada do Parque, Vila Atlântida e Santos Reis, o que permite inferir que a prática da AU em Montes Claros é realizada em regiões com renda familiar média alta e também média baixa.

Os Quadros 1,2, 3 e 4 contemplam a ampliação das áreas de produção estudadas e a caracterização baseada nas entrevistas realizadas, a fim de identificar o perfil dos agricultores urbanos pesquisados.

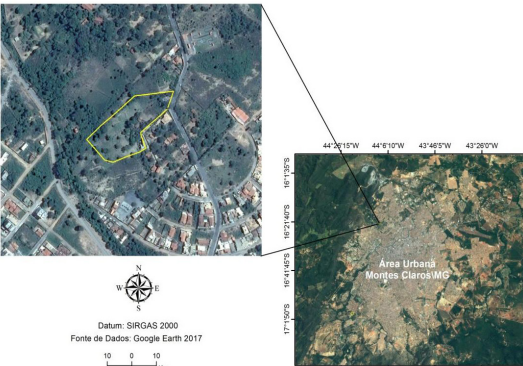
Quadro 1 - Localização e perfil do Produtor 1

Imagem da localização do produtor 1	Caracterização do produtor 1
<p style="text-align: center;">Mapa de Localização do Produtor 1</p>	<p>Idade: 59 anos Origem: Zona Rural de Brasília de Minas Ocupação: Agricultor Urbano Tempo de AU em Montes Claros: 17 anos Objetivo da produção: Comercialização Motivação para produção: Renda; Bem-estar; Potencialidade da produção urbana (redução de custo com logística) Tipo do terreno: Arrendado Área produzida: 15.000 m²</p>


Quadro 2 - Localização e perfil do Produtor 2

Imagem da localização do produtor 2	Caracterização do produtor 2
<p style="text-align: center;">Mapa de Localização do Produtor 2</p>	<p>Idade: 19 anos Origem: Zona Urbana de Montes Claros Ocupação: Servente de pedreiro Tempo de AU em Montes Claros: Não soube responder Objetivo da Produção: Comercialização e consumo próprio Motivação para a produção: Renda e Bem-estar Tipo do terreno: Próprio Área produzida: Não soube responder</p>

Quadro 3 - Localização e perfil do Produtor 3

Imagem da localização do produtor 3	Caracterização do produtor 3
<p data-bbox="187 274 491 296" style="text-align: center;">Mapa de Localização do Produtor 3</p>  <p data-bbox="143 626 278 652">Datum: SIRGAS 2000 Fonte de Dados: Google Earth 2017</p>	<p data-bbox="627 355 1119 604"> Origem: Zona rural de Jequitaiá Ocupação: Agricultor Urbano Tempo de AU em Montes Claros: 15 anos Objetivo da Produção: Comercialização Motivação para a produção: Renda e Bem-estar Tipo do terreno: Cedido (meia) Área produzida: 1,5ha </p>

Quadro 4 - Localização e perfil do Produtor 4

Imagem da localização do produtor 4	Caracterização do produtor 4
<p data-bbox="205 1067 500 1090" style="text-align: center;">Mapa de Localização do Produtor 4</p>  <p data-bbox="163 1413 298 1439">Datum: SIRGAS 2000 Fonte de Dados: Google Earth 2017</p>	<p data-bbox="642 1149 1136 1459"> Idade: 71 anos Origem: Zona rural de Francisco Sá Ocupação: Agricultor Urbano e aposentado (serviço público) Tempo de AU em Montes Claros: 20 anos Objetivo da produção: Comercialização Motivação para a produção: Bem-estar e renda Tipo do terreno: Próprio Área produzida: 125m² </p>

Fontes: Da pesquisa, 2017.

As áreas produzidas contemplam terrenos próprios, arrendados e parcerias (popular “meia”), tendo dimensões de 1 lote (125 m²) a 1,5 hectares de canteiros produtivos. As dimensões corroboram com as afirmações dos autores acerca do tamanho das áreas de produção de AU, onde se observa que as áreas destinadas à produção são pequenas comparadas com a produção rural.

O número de espécies produzidas se dá conforme o tamanho do terreno, quanto maior o terreno maior a variedade produtiva. Os agricultores mantêm um cultivo diverso contemplando alface, couve, couve-flor, brócolis, salsa, salsão, coentro, cebolinha, agrião, brócolis, alho-poró, rúcula, mostarda, espinafre, manjeriço, alecrim, hortelã, tomate cereja, quiabo, abobrinha italiana, abóbora japonesa, berinjela, jiló, vagem (FIGURA 1).

Figura 1 - Agricultura Urbana no bairro Morada do Parque



Fontes: Da pesquisa, 2017.

Diante da diversidade produzida, todos os agricultores pesquisados utilizam o método de consórcio de cultivo na produção, alegando maior produtividade devido ao aproveitamento do espaço (relação espaço – número de espécies produzidas).

6 Nome popular da condição em que o proprietário da área disponibiliza o espaço para a produção e o lucro é dividido entre o produtor e o dono do terreno.

Figura 2 - Consórcio produtivo no bairro Vila Atlântida – Alface e couve



Fontes: Da pesquisa, 2017.

Assim, conforme a caracterização apresentada, a produção agrícola urbana em Montes Claros se dá há pelo menos 20 anos e dispõe de uma diversidade de espécies. Também foi possível observar que a maioria dos agricultores pesquisados são provenientes da zona rural e/ou de municípios próximos de Montes Claros, o que corrobora com a discussão teórica sobre a relação entre o processo de urbanização de Montes Claros e a imigração da população de cidades vizinhas, além da (re)produção das atividades rurais no perímetro urbano.

Agricultura Urbana: Suas funcionalidades em Montes Claros

As pesquisas realizadas na cidade com a mesma temática abordaram a produção para autoconsumo e não contemplaram a AU como atividade principal do agricultor. Assim, essa pesquisa buscou também relacionar as funções da AU com as experiências voltadas para a comercialização identificadas na cidade de Montes Claros – MG.

Os resultados apresentados nessa pesquisa permitem inferir que a AU em Montes Claros, além de não ser praticada somente em áreas com população de baixa renda também não é exclusiva para o autoconsumo, pois foi identificada a presença marcante da função de geração de renda, o que não surpreende, pois os pesquisados realizam a prática tendo a questão econômica como principal objetivo.

No entanto, o que surpreende é o fato de alguns agricultores optarem pela produção na cidade, segundo os mesmos, devido à redução nos custos de produção:

“Desde que vim da roça, trabalho com horta aqui na cidade. Aqui é o melhor para trabalhar porque ficamos mais perto do mercado e economizamos com o transporte, pois é mais perto. Ganho mais produzindo aqui” (Pesquisado 1).

Esta afirmação coloca a produção urbana frente à rural quanto à produtividade, devido à redução de custos de produção diante das vantagens voltadas para a logística, produtividade de espaço e, além disso, vantagem frente ao mercado. No entanto, para afirmar a vantagem de custos de produção, é necessário um estudo detalhado e comparativo, o qual não foi contemplado nesta pesquisa.

Além do fator renda, a segurança alimentar também foi citada pelos agricultores, sendo essa diretamente ligada à outra, pois o fato de produzir com técnicas alternativas (utilizando recursos da agroecologia) facilita a entrada no mercado local devido ao aumento da demanda por alimentos agroecológicos. A produção agroecológica é utilizada como estratégia de mercado pelos agricultores, conforme afirmado pelos produtores 1 e 4:

“Quando o pessoal vem comprar aqui pergunta se utilizo veneno, se a produção é minha mesmo. Há uma confiança nos meus produtos por eu ter esse cuidado” (Produtor 1).

“As donas compram na minha mão porque não confiam nos produtos que acham no supermercado. Elas confiam em mim, por isso não utilizo veneno” (Produtor 4).

Apesar de terem a AU como atividade principal para geração de renda, alguns agricultores, principalmente aqueles provenientes de zona rural e mais velhos, acreditam que o trabalho na horta proporciona uma sensação de bem-estar. Eles afirmaram que a lida na horta é uma “terapia”, pois além de fazerem o que gostam, ganham dinheiro e se sentem mais próximos da vida na roça.

“Quando estou mexendo aqui na horta o tempo passa e nem vejo, mexo com um canteiro aqui, outro ali e os problemas vão sumindo da cabeça. Além disso, é o sustento da minha família né?!” (Produtor 3).

“Gosto de trabalhar com horta aqui na cidade porque faço muitos amigos. Conheço gente de tudo quanto é lugar nessa cidade e faço amizade com eles” (Produtor 5).

Essas afirmações corroboram com os estudos teóricos sobre as funções da AU, principalmente as funções de bem-estar e cultural apontadas por Boukharaeva et al. (2005) e Brito (2011), salientando a relação com a natureza e com atividades características do campo.

Sobre este resultado ainda é possível corroborar com os estudos de Ruas (2006), porém, em seu sentido oposto, pois o autor aborda a discussão sobre as urbanidades no rural, salientando sobre as tecnologias inseridas no campo e, no caso desse estudo, é possível inferir sobre as ruralidades no urbano, onde é observado que os agricultores trazem à cidade conhecimentos e modos de produção comuns do meio rural, seja como forma de (re) produção da vida no campo, como expõe Brito (2011), seja como forma de adaptação/sobrevivência, para se inserir no mercado com sua especialidade e gerar renda.

Poder público: relatos de apoio

Frente aos gargalos e potencialidades apresentados durante a pesquisa, foi identificada a necessidade de intervenções públicas para o fortalecimento da AU na cidade. Nesse sentido, durante as entrevistas, buscou-se questionar sobre a participação do poder público municipal na promoção da AU na cidade e, majoritariamente, a resposta foi negativa para essa questão.

No entanto, por meio da entrevista realizada com o presidente da Associação Comunitária Recanto das Hortaliças, foram identificados projetos e episódios de apoio e promoção da AU em Montes Claros realizados pelo poder público municipal em administrações passadas.

As principais contribuições do poder público citadas pelo presidente da associação foram o apoio na formalização da organização, na estruturação das áreas, com implantação de poço artesiano para a produção agrícola na cidade, e também aspectos relacionados ao escoamento da produção em mercados institucionais. Conforme afirmação do entrevistado, os governos dos períodos de 2001-2004 e 2005-2008 foram os que mais contribuíram para a promoção da agricultura urbana na cidade.

No entanto, segundo o produtor, os próximos governos não contribuíram de forma direta com a AU urbana em Montes Claros. “Hoje em dia quase não tem ajuda aqui, a gente consegue um cano ou alguma coisinha, mas através da associação né?! Hoje quase ninguém produz mais, foi diminuindo (...)” (Produtor 5 – Associação).

Além da questão voltada para a contribuição em relação à estrutura, o presidente da Associação mencionou um fato interessante que relaciona poder público (apoio à AU) à diminuição da produção, sendo a diminuição do apoio da prefeitura para com a AU em Montes Claros, um fator determinante para a diminuição da produção diante da perda de forças da coletividade que tem como objetivo a prática.

Impressões e proposições

A partir das informações coletadas durante a pesquisa de campo, por meio das afirmações dos produtores, principalmente em relação às mudanças do panorama da Agricultura Urbana em Montes Claros, sentiu-se a necessidade de verificar as mudanças no tempo e fazer uma correlação entre as informações coletadas e as impressões de campo.

No entanto, acredita-se que somente a observação não contribui para o campo estudado e, por isso, aqui também serão apresentadas proposições, a fim de dar um sentido real para essa pesquisa.

Nesse sentido, este tópico irá apresentar uma discussão acerca da relação

de afirmações dos agricultores e as mudanças em aspectos estruturais da cidade, bem como propostas para o apoio e a promoção da Agricultura Urbana (AU) em Montes Claros.

As impressões

Por meio das entrevistas e das observações de campo, foi identificado que a produção agrícola urbana de Montes Claros diminuiu com o tempo. Segundo afirmações dos agricultores, principalmente na entrevista realizada na Associação Comunitária Recanto das Hortaliças, essa diminuição na produção e no número de produtores se deu diante da falta de apoio do poder público, da pouca inserção dos jovens na produção e também por questões imobiliárias.

De acordo com os agricultores, e também por meio de observações de campo, as três questões supracitadas são inter-relacionadas, pois o fato do poder público não apoiar faz com que a prática enfraqueça e não tenha visibilidade, assim sem o conhecimento, os jovens não tem interesse em participar na produção e, devido à valorização imobiliária, os produtores que já não tem a mesma capacidade física de antes acabam vendendo parte do terreno e, conseqüentemente, diminuindo a produção.

Para tanto, foi realizado um estudo por meio da interpretação de imagens de satélite, utilizando o Google Earth, de modo que se coletaram imagens dos anos de 2005 e 2017, para verificar as mudanças nas áreas em relação à produção (identificação de canteiros de hortas) e urbanização (identificação de construções).

Assim as imagens foram organizadas tendo como referências as áreas pesquisadas da seguinte forma: de um lado uma foto da área no ano de 2005 e, do outro, a área atualmente (2017) (Figuras 3 a 6).

Figura 3 - Alterações com o tempo da área do Produtor 1



Ao observar a Figura 3, é possível perceber uma alteração na área, tanto na urbanização, com um aumento expressivo no número de residências no entorno da área de produção, quanto na diminuição da área de produção.

Apesar da expressiva urbanização no seu entorno, os produtor não expôs dificuldade com relação a isso. Ele alega que a chegada dos moradores melhorou as vendas devido ao aumento da demanda pelos seus alimentos. Esse produtor possui um comércio (sacolão) no local da produção, onde são vendidos produtos produzidos na sua área e também advindos de outros locais. Assim, percebe-se que a urbanização no entorno de sua área de produção contemplou uma oportunidade de mercado.

Figura 4 - Alterações com o tempo da área do Produtor 2

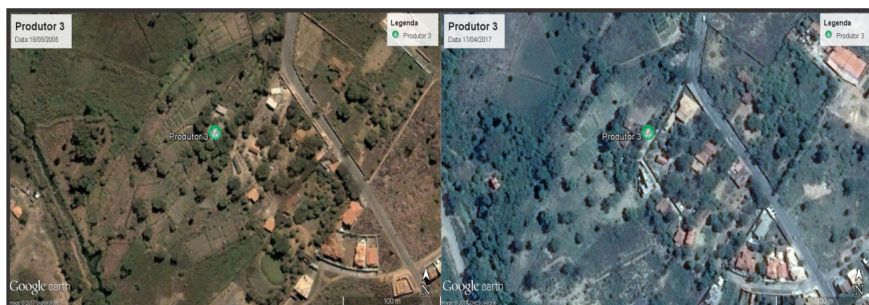


Fonte: Imagens de satélite Google Earth.

Org.: PINHEIRO, 2017.

No caso do Produtor 2 (Figura 4), percebe-se pouca urbanização no entorno no tempo, no entanto a diminuição da área produzida é expressiva. O produtor 2 alegou que, devido à sua idade, 19 anos, tem pouco tempo que trabalha com a atividade, mas que seu pai era agricultor urbano e produzia nessa área. Apesar de se observar pouca área de produção, o fato do Produtor 1 ser jovem consiste em um ponto positivo diante do problema enfrentado pelos outros produtores referente a falta de interesse dos jovens pela prática. Nesse caso, de uma produção ainda tímida, pode ser visto como um potencial futuro.

Figura 5 - Alterações com o tempo da área do Produtor 3



Fonte: Imagens de satélite Google Earth.

Org.: PINHEIRO, 2017.

As imagens da área do Produtor 3 permitem inferir sobre a expressiva diminuição da área de produção. No entanto, assim como no caso do Produtor 2, a interferência da urbanização não é intensa. Vale ressaltar que ambos estão localizados no mesmo bairro e os terrenos são próximos. Tanto o Produtor 2 quanto o Produtor 3 afirmaram que no bairro haviam mais agricultores urbanos e que a produção era maior no ano de 2005 comparando com a produção atual, devido ao apoio da administração municipal na época. Diante da afirmação dos produtores acerca da falta de apoio do poder público municipal, permite-se inferir sobre a relação direta entre a contribuição das administrações municipais (2001-2004 e 2005-2008) e a extensa produção, assim como a diminuição atual.

Figura 6 - Alterações com o tempo da área do Produtor 5



Fonte: Imagens de satélite Google Earth.

Org.: PINHEIRO, 2017.

A urbanização se deu de forma expressiva na região do Produtor 5 no período observado. A região contemplada na Figura 6 dispõe de propriedades do agricultor pesquisado e de vizinhos que também produziam agricultura no bairro e são associados na organização coletiva liderada pelo Produtor 5. Essa observação relaciona-se diretamente com a sua afirmação referente à ligação direta entre a valorização imobiliária e a diminuição das áreas de produção e da quantidade de agricultores urbanos na região (Figura 13).

Segundo o Produtor 5, os agricultores urbanos próximos a ele diminuiriam a produção porque se viram tentados a vender os terrenos, que antes eram utilizados para a produção agrícola, devido a não estarem mais em condições físicas de trabalharem em áreas maiores e também pela oferta do mercado em relação ao preço do terreno.

“É, minha filha, a gente vai ficando velho e as forças vão acabando. Não conseguimos mais trabalhar naqueles terrenos grandes. Meu vizinho mesmo produzia bastante horta aqui, ele tinha um terreno grande. Hoje, teve que vender a metade porque o preço estava bom e, como ele não consegue mais trabalhar e os filhos não querem saber, era vantagem vender (Produtor 5).”

Ao observar as questões supracitadas, surgiu a necessidade de se propor intervenções objetivando a promoção e o apoio da Agricultura Urbana em Montes Claros.

As proposições

Percebeu-se uma necessidade, principalmente nas falas dos agricultores, de apoio do poder público para prática de AU. Nesse sentido, considerando a função integradora da universidade, por meio da extensão universitária, a qual compõe os pilares da mesma, foram elaboradas propostas de intervenções de caráter incentivador e apoiador, objetivando suprir alguns gargalos e promover a AU por meio também de suas potencialidades.

Para tanto, o Quadro 5 apresenta os desafios informados pelos agricultores e também os observados em campo; e as possíveis intervenções da universidade por meio da extensão universitária.

Quadro 5 - Desafios e Propostas de Extensão Universitária

Item Citado	Desafios	Proposta de Extensão Universitária	Cursos
Água	Dificuldade de gestão da água Dificuldade de acesso à água	Capacitação com a temática gestão da água; Capacitação sobre irrigação eficiente de acordo com o cultivo e as especificidades das áreas; Capacitação sobre técnicas eficientes de plantio.	Administração, Agronomia, Engenharia Agrícola e Ambiental
Pragas	Dificuldade de controle de pragas com técnicas alternativas	Capacitação sobre técnicas agroecológicas de controle de pragas de acordo com as especificidades dos agricultores.	Agronomia
Estrutura do terreno	Dificuldade no trato do solo devido à falta de maquinários e dificuldade de utilização devido à especificidade do terreno urbano.	Desenvolvimento de tecnologia alternativa para o trato do solo (automático) considerando a especificidade dos terrenos (acesso, tamanho e tipo de prod.)	Engenharia Agrícola e Ambiental

Item Citado	Desafios	Proposta de Extensão Universitária	Cursos
Insumos	Dificuldade de obter insumos para a produção. Principalmente sementes agroecológicas e fertilizantes naturais	Sementes: Banco de sementes agroecológicas e parcerias com empresas do ramo. Além de capacitações sobre o tema. Fertilizantes naturais: Capacitação sobre compostagem e outras alternativas.	Agronomia
Planejamento e Controle da Produção	Dificuldade de programar a produção conforme a demanda do mercado.	Capacitação de Planejamento e Controle de Produção Agrícola; Visita técnica nas áreas para consultorias objetivando estudo sobre produtividade das áreas.	Administração Agronomia Engenharia Agrícola e Ambiental
Comercialização	Visibilidade no mercado; Demanda por semiprocessados; Precificação dos produtos	Promoção de feiras dos Agricultores Urbanos para visibilidade dos mesmos; Divulgação das áreas de produção em meios de comunicação virtuais; Capacitação sobre Boas Práticas de Manipulação de Alimentos. Capacitação sobre custos e precificação.	Engenharia de Alimentos Administração

Fontes: Da pesquisa, 2017.

As informações expostas no Quadro 2 permitem inferir que, diante dos gargalos e as propostas apresentadas, há na AU de Montes Claros um potencial para a extensão universitária multidisciplinar e que, considerando o papel da universidade na sociedade e a área de atuação do campus desta universidade, contemplando seus cursos e pesquisadores, a estruturação de um Centro de Apoio a Agricultura Urbana é uma proposta que pode ser concretizada no Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais.

Assim, a fim de contribuir com a promoção da AU em Montes Claros, parte dessa pesquisa foi destinada para a elaboração de uma proposta de um Centro de Apoio a Agricultura Urbana de Montes Claros (CAAU).

O Centro de Apoio à Agricultura Urbana (CAAU) em Montes Claros

A criação deste centro, no âmbito do ICA/UFMG, se dá pelo fato da unidade apresentar uma vertente marcante nas Ciências Agrárias e ser referência na extensão universitária.

O CAAU partiu de reuniões e conversas dos membros do Programa de Desenvolvimento Rural e Apoio a Reforma Agrária (PRODERA), que, coordenado pelo professor orientador dessa pesquisa, realiza ações de extensão com a temática do desenvolvimento social e regional tanto em áreas do perímetro rural quanto urbano.

Durante a pesquisa de campo e após a identificação dos gargalos apresentados, percebeu-se que apenas algumas ações pontuais não iriam contribuir de forma eficaz para a promoção da AU em Montes Claros. Diante disso, foi elaborado o projeto do Centro de Apoio a Agricultura Urbana em Montes Claros.

Por meio de uma construção coletiva, foram elaborados dois projetos de extensão e pesquisa voltados para a AU em Montes Claros, de modo a atender a alguns dos gargalos observados na pesquisa. Assim, o Quadro 6 apresenta um dos resultados parciais da pesquisa, a qual não se encerra no momento da finalização desta dissertação.

Quadro 6 - Projetos elaborados no CAAU

Título do Projeto	Tipo do Projeto	Objetivo	Metas
Agricultura Urbana em Montes Claros: fortalecimento e visibilidade do cultivo popular	Extensão	Fortalecer e dar visibilidade às práticas produtivas e aos agricultores urbanos de Montes Claros - MG	Elaborar um portfólio sobre as principais tecnologias de produção e as variedades de culturas provenientes da agricultura urbana;
			Promover a troca de saberes entre os agricultores urbanos e os estudantes;
			Realização de capacitações e oficinas voltadas para a temática, conforme a demanda
			Desenvolver espaços de trocas/comercialização da produção da agricultura urbana de Montes Claros
Agricultura Urbana e o Planejamento Urbanístico na região de Montes Claros - MG	Pesquisa e Extensão	Analisar a produção e comercialização da Agricultura Urbana em Montes Claros	Criação de mapa interativo, que permita a localização e visualização de informações acerca de cada ponto representado no mapa;
			Disponibilização das informações da pesquisa através da rede, por meio de site específico;
			Síntese de uma proposta de política pública ou adequação aos métodos existentes como sugestão de inserção da produção proveniente da agricultura urbana no planejamento público
			Promoção de Seminário de entrega dos resultados ao poder público e às entidades da sociedade civil interessadas na proposta.

Fontes: Da pesquisa, 2017.

Os projetos estão em andamento e foram apresentados nesta dissertação a fim de expor que a pesquisa aqui apresentada não finda somente na apresentação dos resultados, pois se acredita que a conclusão de um mestrado apresenta-se após a contribuição do concluinte com a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados permitiram identificar o perfil dos agricultores urbanos de Montes Claros que produzem hortaliças para comercialização, bem como suas percepções sobre a prática e também seus relatos de desafios enfrentados com a atividade.

Diante do perfil identificado e das especificidades em relação à produção e comercialização, foi possível propor ações de extensão universitária e também pesquisas que podem ser desenvolvidas com estes atores sociais tão importantes para o desenvolvimento local e a segurança alimentar.

Além da importância em relação ao conhecimento prévio do público para possíveis projetos de extensão, no que tange às suas origens e suas demandas reais, esta pesquisa evidenciou a possibilidade de uma extensão multidisciplinar e de sua contribuição tanto para o público quanto para o aprendizado acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. M. Introdução à metodologia do trabalho científico. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

AQUINO, A. M.; ASSIS, R. L. Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia Ambiente & Sociedade. Campinas, v. 10, n. 1, p. 137-150, 2007.

BENKO, G. Economia, espaço e globalização. Paz e Terra: São Paulo, 1999.

BRANDÃO, C. Desenvolvimento, Territórios e Escalas Espaciais: levar na devida conta as contribuições da economia política e da geografia crítica para construir a abordagem interdisciplinar In: RIBEIRO, Maria Teresa Franco e MILANI, Carlos R. S. (orgs.) (2008). "Compreendendo a complexidade sócio espacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar" Salvador, Editora da UFBA.

BOUKHARAEVA, L. M. et al. Agricultura Urbana como um Componente do Desenvolvimento Humano Sustentável: Brasil, França e Rússia. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v. 22, n. 2, p. 413-425, maio/ago. 2005.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10657746/artigo-182-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 20 Jun. 2016.

BRASIL. Política Estadual de Apoio à Agricultura Urbana em Minas Gerais. Lei 15.973 de 12/01/2006. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=24,9716>>. Acesso em 22 abr. de 2016.

BRASIL. Projeto de Lei do Senado nº 316, de 2009. Senado Federal, Brasília, DF. 09 jul. 2009. Disponível em: <<http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/92148>>. Acesso em 26 jun. 2017.

BRITO, G. S. Migrações Rural/Urbano E Fluxos De Conhecimento Agroecológico: O Caso De Montes Claros, Minas Gerais, 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias) – Instituto de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros, 2011.

CASTELLS, M. A Questão Urbana e Terra: Rio de Janeiro, 2009.

CASTRIOTA, R. Urbanização Planetária Ou Revolução Urbana? De Volta À Hipótese Da Urbanização Completa Da Sociedade. CEDEPLAR – UFMG. 2016. Disponível em: http://diamantina.cedeplar.ufmg.br/2016/analise/economia/303-516-1-RV_2016_10_09_00_35_30_720.pdf. Acesso em 30 mai. 2017.

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. Educar, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000. Editora da UFPR. Disponível em: <http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf>. Acesso em 29 jun. de 2016.

FURTADO, C. Criatividade e Dependência na Civilização Industrial. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FURTADO, C. O subdesenvolvimento revisitado. Economia e Sociedade, V.1, ago, 1992. p. 5-19.

GIL, A.C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

LEFEBVRE, H. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

_____, H. O Direito à Cidade. São Paulo: Centauro, 2006.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Cadastro e-MEC. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br>>. Acesso em 05 jun. 2017.

MONTE-MÓR, R. L. O que é o urbano no mundo contemporâneo. Belo Horizonte: Cedeplar, 2006.

_____. Urbanização, Sustentabilidade, Desenvolvimento: complexidades e diversidades contemporâneas na produção urbana. In: Costa, G.; Costa, H.; Monte-Mór, R. (eds) Teorias e Práticas Urbanas: condições para a sociedade urbana. Belo Horizonte, C/Arte. pp.55-70.

MOUGEOUT, Luc J.A. Agricultura Urbana - conceito e definição. Revista de Agricultura Urbana nº 1, 2005. Disponível em: <<http://www.ruaf.org/sites/default/files/AU1conceito.pdf>>. Acesso em: 15 Mai, 2016.

OJIMA, R., HOGAN, D.J. População, urbanização e ambiente no cenário das mudanças ambientais globais: debates e desafios para a demografia brasileira. Campinas: NEPO, 2008. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1383.pdf>. Acesso em 09 jul 2017.

ORTEGA, A. C. Territórios deprimidos: desafios para as políticas de desenvolvimento rural. Editora Alínea, 2008.

SANTOS, M. A urbanização brasileira. 5 ed., 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Capitalismo e Urbanização. São Paulo: Contexto, 1997.